O CIRCO DOS FARRAPOS

Tragicomédia

Personagens:

Sebastião, palhaço e dono do circo.

Sebastiana, bailarina e assistente de mágico.

Mauri Lúcio Chaves, vereador e antigo mágico do circo.

Vento ninho, filho do casal Sebastião e Sebastiana.

Daqui Catarino, artista de rua, anjo da guarda e palhaço.

Peça teatral em três atos, mas que não necessariamente precisam ser divididos, pois podem ser feitos em único movimento como diz o texto.

Entra Daqui Catarino:- No interior de um circo abandonado a lona desce como veias indecentes, farrapos que correm como sangue marrom esverdeado, é como um coração ausente, sem pulso, sentimentos levianos descartados, um útero de lixo acumulado, cheio de garrafas plásticas contendo águas invalidas, elas não tocam a terra e não fertilizam nada. Competem às garrafas com embalagens variadas de vaidades mestiças, são montanhas de cobiça, e se deitam com parasitas que se aquecem em orgias de jornais e notícias, são velhas letras ignoradas de pura frase-feita em sentenças rasgadas, sentenças que voam ao vento e tocam o trapézio desfeito, pois a escada de cordas está rompida no erro e os aparelhos circenses enferrujam estancando o tempo, pois tempo é movimento assim como o vento que movimenta os rasgos e as fendas, que discretamente decoram as estrelas onde a mãe noite entra, com seu azul confortável, conforta o miserável, e um enorme rasgo na lona, da passagem à lua, soberana e branca, iluminam as faces dos seus filhos, figuras desformes que se acotovelam revirando o lixo. – Malditos, bem-dito seja o lixo que guarda a saída, grita a lua, até que meus filhos tenham pagado as suas dívidas eu insisto e ilumino na esperança de vê-los redimidos e na fé desta certeza asseguro este acordo de rimas e letras, e não por acaso, eu dou início ao primeiro ato: abrem-se as cortinas e a lua ilumina um casal que trava em rimas cotovelos e cascos um problema imediato, segue o diálogo.

Daqui Catarino sai de cena.

Sebastião:- O que aconteceu com os restos?

Sebastiana:- Eles se esqueceram de jogar fora.

Sebastião:- Nada, não encontro nada, nenhum pedaço de laranja carcomida e nem casaca de fruta vencida.

Sebastiana:- da ferrugem eu só encontrei a lata e dá banana nem a casca.

Sebastião:- O sol já dormiu e comida o meu umbigo não viu.

Sebastiana:- Claro o seu umbigo é cego e suas mãos não valem um dedo.

Bastião:- Pior você que não cheira nem um prego.

Basti Ana:- Pois se eu encontrasse um prego eu não cheirava eu comia.

Sebastião:- Eu pregava as minhas tripas assim não dá vontade na minha barriga.

Basti Ana:- Vontade de barriga bastião é fome.

Sebastião:- Eu sei então você como minha mulher deveria matar a minha fome.

Basti Ana:- Matei! (cabo de vassoura)

Tenta acertá-lo.

Sebastião:- Mas é sua obrigação, mulher do cão!

Basti Ana:- Mulher do cão sim, e cão largado que não sabe nem virar latas.

Sebastião:- Ah, vida de porcaria que não tem nenhuma valia.

Sebastiana:- Vale procurar os restos que alguém não reclama.

Sebastião:- Então a prefeitura deveria pagar um salário para nós catarmos os restos que o prefeito joga fora e ignora.

Sebastiana:- Achei, eu achei...

Sebastião:- O que, o que?

Sebastiana:- Um pedaço de pão esquecido e amassado.

Sebastião:- Então me dê que eu faço companhia para ele e desamasso.

Basti Ana:- Não, este é meu, eu encontrei no meu monte.

Bastião:- Samara, eu tenho fome também, minha fome é de ontem.

Samara:- pode tirara esses olhos de burro de cima do meu pão, Bastião.

Bastião:- Não vai dividir bandida?

Sebastiana:- Não essa boca de preguiça não merece uma mordida.

Sebastião:- Tudo bem, mas a gente negocia com o que se tem. (Tira do velho casaco um pote de margarina)

Basti Ana:- Bem que eu vi que este olho torto estava escondendo o jogo.

Bastião:- Um pedaço do seu pão por uma lambida da minha margarina.

Basti Ana:- Está bem, mas como da outra vez a gente troca em um dois e três.

Bastião:- preparada, um, lá vai os dois, dois e...

Vento ninho:- Três!

Vento ninho pega o pão e a margarina.

Bastião:- Minha margarina da sorte.

Sebastiana:- Meu pão!

Vento:- É eu estava com uma fome de leão.

Bastião:- Devolve moleque tinha que negociar.

Sebastiana:- Ah, moleque atrevido, eu vou te estapear.

(Correm atrás do menino)

Bastião:- Devolve, devolve abestado.

Sebastiana:- Devolve Vento ninho, ou eu te cato.

Vento:- É tarde mãe, eu já engoli.

Bastião:- Ah é então desencolhi.

(Pegam o menino pelas pernas e lhe viram de ponta cabeça).

Samara:- Vomita, vomita larápio!

Bastião:- devolve moleque ladrão!

Vento:- Eu fui mais rápido.

Samara:- deus castiga filho desonesto que rouba pão.

Vento:- Minha fome é honesta e minha barriga tem pressa.

Samara:- Maldição, maldição é espelho do pai tem o mesmo coração, coração de porcaria.

Bastião:- Samara Tina, você não começa a me maldizer quando não tem o que comer.

Samara:- Então, Sebastião, arruma uma moeda pra comprar nossa comida ou vamos comer jornal de notícia antiga com laranja apodrecida.

Bastião:- Filho, o teu trabalho teve alguma serventia, arrume uma moeda para comprar nossa comida.

Vento Ninho:- Eh, pai, a única serventia do meu trabalho é levar cotovelada de doutor engravatado, e se cotovelo tem valia, valeu parar para pensar em mudar de vida.

Samara:- Sem moeda, Bastiam Samarco.

Bastião:- Sem saída, Sebastiana.

Vento:- A única saída é a do pensamento, vamos mudar de ideia mudando a direção do vento.

Samara:- O vento sopra para onde deus manda, sabe deus com suas ideias profanas, para onde nos levaria, sem um prato de comida.

Bastião:- Deixa Samara, deixa Basti Ana, cabeça de ventilador, para onde sopraria?

Vento:- Eu sopraria como doutor terno preto e gravata prateada só assim eu é que poderia dar cotovelada.

Bastião:- Você quer virar doutor, terno preto e gravata prateada como se queijo vira-se marmelada?

Sebastiana:- Ah, eu vou embora, vou arejar minha cabeça, eu quero ver como alguém vira doutor sem saber lidar com as letras.

Bastião:- Logo você que pensa que cabeça é casa de preguiçoso.

Sebastiana:- Pior, pensa que cabeça é casa de piolho.

Bastião:- para ser doutor Vento Ninho, tem que sabre juntar palavras e minha memória já rasgou o livro que ensinava.

Vento Ninho:- Pai, eu sou moleque muito sábio, que aprende muito rápido, o senhor me ensina o numero mágico do vinho transformado em pão que eu vou fazer muito milhão.

Sebastião:- Não, esse número é perigoso troca as coisas de lugar e se algo der errado faz a vida desmanchar, faz o dia ensolarado e o sol põe-se a esfriar.

Samara:- esse número é do diabo que muito inconformado deus ele quis trapacear.

Bastião:- Eu não sei se é de deus ou do diabo, mas não ensino o número mágico para moleque atrapalhado. Tens mesmo o coração inconformado igual o do diabo, difícil aquietar e se algo der errado, a dor tu irás suportar?

Samara:- parece mesmo filho do diabo, pois se na miséria tu já é acostumado por que querer mudar?

Vento:- Por que quem tem asas na mente é indecente não querer voar!

Sebastião:- Melhor respeitar sua mãe, não contraria, pois é dela que tu principias.

Vento:- respeito eu tenho e quero dar, mas vivendo na miséria quem poderá nos respeitar, este circo é de farrapos cria bichos e cria ratos, e se temos um número mágico por que não transformar?

Samara:- por que não, por que não, eu do passado já te contei, um dia eu quis transformar e com um homem me casei, sonhava em ser bailarina e meu sonho ele roubou, ele roubou o circo dos sonhos e deus nos castigou.

Bastião:- Samara Tina, o circo eu não roubei eu não poderia roubar o sonho que eu mesmo criei.

Samara:- Agora, Bastiam Samarco, eu só quero é ir embora e não se i se para essa história um dia voltarei.

Sebastião:- Está vendo, Vento Ninho, à ventania que tu causaste e agora quem repara o estrago, cabeça de ventilador, cabeça de ventilador! Samara, Samara Tina, Sebastiana, espere, espere Basti Ana, não chore, volte.

Vento Ninho fica só no circo.

Vento:- Sou cabeça de ventilador sim, sopro de frente, sopro de lado, eu tenho uns redemoinhos de ideias que um dia terei meus sonhos realizados, eu vou voar como trapezista e no voo um número mágico. Mas é certo que neste instante eu tenho sonhos de barriga e não posso voar como trapezista se minha barriga se esvazia.

(Procura comida no lixo)

Comida para quem tem pressa, comida para quem tem pressa, oba, quem será o sapateiro desafortunado que por aqui fez caminhador que em vez de remendar seus sapatos a cola ele ignorou.

A cola agora é minha parceira, parceira de quem a encontrou, eu vou remendar minha barriga e viajar como cavalheiro sonhador.

(Cheira a cola)

Agora desamarro a minha mente que é indecente não querer voar, eu sou o cavalheiro sonhador da lua brilhante e meus inimigos eu ei de acordar, as feridas ausentes dos artistas doentes que não sabem se curar. Ressuscitem feridas abertas, minha espada vai rasga-las e meu sangue adormecido desperta com o circo dos sonhos que ele criará, criará, criará...

(desfalece, mas Sete Chaves entra em cena, nervoso de capa e capuz vermelho, ele tem pressa e procura algo importante no lixo que vê o menino deitado e desfalecido)

Set:- Criança de miséria é farta que nem capim, eles crescem e se arrastam sonolentos e desocupados, acham que o tempo não tem fim. O tempo é curto e tua infância te atropela, dorme o sono dos burros deitado sobre esta miséria. Acorda guri, eu acho bom despertar, pois se lhe confundem com entulho em pedaços você irá acordar.

Vento:- outra vez, parece sina, o meu sono incomodado por doutor engravatado, pensei que gravata era forca de pescoço, mas parece que também serve para sacanear o meu sono de morto.

Sete:- por que todo moleque tem a mesma reação ingrata, eu lhe salvo a vida e ainda me destrata, você dormia feito um bicho, pareia uma barata e se passa alguém e lhe dá uma chinelada. Mas se você estava morto e morto tu estavas eu vou embora, pois não converso com fantasmas.